"*Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, atravessei, ou algo que me aconteceu, não é nada se não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhada e transmissível... É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência*"

Walter Benjamim - crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão

Prólogo

Se você acessar o Youtube, digitar "holocausto" no campo de pesquisa, e se decidir ver alguns das dezenas de vídeos disponíveis, vai verificar que a maioria dos narradores, sejam eles repórteres, parentes ou até mesmo os sobreviventes, vez em quando interrompem a narrativa e permanecem algum tempo em silêncio, contendo as lágrimas. Alguns não conseguem e choram por longos minutos. É bem provável que seus olhos umedeçam ao imaginar as cenas relatadas. São poucas as situações tão degradantes e terríveis como o holocausto nazista. Assisti alguns desses depoimentos e confesso. Fiquei extremamente abalado emocionalmente ao ouvir frases, como a proferida pelo sr. Andor Stern, único brasileiro que sobreviveu ao holocausto: "*Minha mãe saiu pela chaminé* (do crematório)"[1]. Foi liberta do sofrimento, mas o sr. Andor não. Sofreu muito antes de ser libertado. Cecília Gewertz[2] relata que os alemães a reuniram com mais cento e sete pessoas e fuzilaram todas. Milagrosamente, sobreviveu. Os pais de Cecília foram martirizados em Treblinka. Cecília disse que o doutor Mengele fez experiências com ela e mais cinco moças. Todas foram colocadas em um banheiro com quarenta graus de calor. A seguir foram retiradas e

1https://www.youtube.com/watch?v=lrnP_j5ePFU

2https://www.youtube.com/watch?v=FMIz9bpJTH&List=PLEd1VFT6Q29lpXrf6j1la2mEXyQJQzX6t&index=2

colocadas em água a dez graus negativos. Uma delas morreu. Eva Kor, outra sobrevivente que participou de experiências com Mengele por ter uma irmã gêmea, declarou a respeito de sua mãe: "*Eu nunca cheguei a dizer adeus a ela. Mas eu realmente não entendia que esta seria a última vez que a veríamos*"[3].

Então, o que essa palavra “holocausto” desperta em você? Creio que a resposta será diversa, dependendo das informações que você tiver sobre ela. Se você for judeu, então certamente ela lhe provocará arrepios, especialmente se a sua idade for superior a setenta anos. Fiz essa pergunta ao Aron Weisman, um senhor de setenta e nove anos, judeu, sobrevivente do holocausto. Ele me olhou rapidamente, baixou os olhos e não respondeu com palavras, mas com lágrimas. Apenas balbuciou "*shoah*". Recriminei-me intimamente, porque, com certeza, provoquei no Aron os mais tristes pensamentos que podem acometer um ser humano. Eu não deveria ter feito isso, sabendo que, naquela idade, provavelmente teria muitas lembranças que gostaria de esquecer.

Anna, 82 anos, vive em um asilo. Filha única, veio para o Brasil com os pais em 1952, já alienada mental, por conta das atrocidades sofridas durante a segunda guerra. Os pais de Anna, judeus residentes na Polônia, foram confinados no gueto de Varsóvia no ano de 1941.

---

3 https://en.wikipedia.org/wiki/Eva Mozes Kor

Com quatro anos de idade Anna foi abusada sexualmente pela primeira vez, com extrema violência, fato que se repetia constantemente até a libertação. Escaparam da morte, da fome e das doenças, mas Anna ficou com sequelas mentais irreversíveis. Vieram para o Brasil em 1952. Os pais cuidaram de Anna até 1967, quando faleceram em um acidente. Anna, filha única e sem parentes no Brasil, foi internada em uma instituição psiquiátrica e hoje vive no asilo. Parece um zumbi, desses que a gente vê em filmes. Fruto dos horrores da guerra.

Anna é apenas mais uma entre a imensa quantidade desses mortos-vivos que ainda sobrevivem. Tristeza, revolta, saudade, melancolia, depressão, desejo de vingança e muitas lágrimas fazem parte do cotidiano dessas pessoas, que arrastam atrás de si o pesado fardo da saudade e das lembranças. Fala-se em seis milhões de judeus mortos, mas o número desses zumbis, os mortos-vivos, é incalculável. Eles estão por aí. Filhos, netos, esposas, esposos, quase todos, vítimas paralelas que, se não viveram a realidade dos campos de concentração nazistas, foram transformados em zumbis pelo sofrimento e incertezas sobre o destino de seus parentes levados como gado para o matadouro.

O personagem central dessa história, fictícia, se chama Antoni Dudek, um judeu polonês que “sobreviveu” até certo ponto aos horrores da guerra. O holocausto o

deixa órfão de pai e mãe e acaba servindo de cobaia nas experiências de um médico nazista. Este médico possuía uma cardiopatia grave e buscava a cura. As experiências às quais Antoni foi submetido lhe modificaram a estrutura genética e aumentaram consideravelmente a sua capacidade cerebral, aguçando-lhe todos os sentidos, dando-lhe várias habilidades físicas e psíquicas. Após a morte do doutor, e como detentor único desse segredo, Antoni decide usar suas habilidades para ajudar pessoas. Embarca para o Brasil, se envolve na política e modifica alguns episódios da nossa história.

Como obra de ficção que é, conforme já citado, os episódios extra-históricos que envolvem personagens da história oficial do Brasil, não refletem necessariamente a opinião do autor e nem possuem comprovação, pois trata-se de uma adaptação dos fatos às habilidades do personagem.

Sobre o Autor

Jackson Garcia Parreira é mineiro, casado com Edilene, pai de três filhos e duas netas. É teólogo, Doutor em Psicologia Pastoral, Mestre em Ciência da Religião, Pós-Graduado em Psicopedagogia, Professor de História Geral e Psicanalista Clínico.

Capítulo 1

Distrito de Ceilândia, DF, 25 de fevereiro de 1998. Tudo tranquilo naquela quarta-feira de cinzas. Rodrigo, jovem agente da DINPO, conversava animadamente com seu amigo Jorge, antigo professor de filosofia. Jorjão, como era conhecido, estava feliz com a inauguração do seu novo restaurante que aconteceria em breve, o Armazém do Ferreira, próximo ao estádio Mané Garrincha. Uma grande multidão se concentrava em frente à Biblioteca Pública de Ceilândia comemorando a vitória da Águia Imperial, escola de samba do Distrito. Admirador fanático da Escola, Rodrigo estava ali para participar da festa. Encontrou o amigo, conversavam, quando notou um carro estacionando na calçada. Um senhor de meia idade desembarcou, olhou em volta, localizou Rodrigo (pelo jeito já o conhecia) e dirigiu-se a ele, com um pacote nas mãos.

- Boa tarde, Rodrigo. Fomos à sua casa e informaram que você estaria aqui. Parabéns pela vitória da Águia. Sei que você é admirador dessa agremiação.

- É, depois de uma longa espera... Até que enfim, Gustavo. É a primeira vitória da nossa Escola e espero que seja a primeira de muitas. Alguma coisa importante para mim?

- Sim, é importante. Quer ir a algum lugar reservado ou não se importa que conversemos aqui mesmo?

- Não, tranquilo. Está um pouco barulhento aqui, mas dá para conversar. A propósito, este é meu amigo Jorge Ferreira, meu ex-professor.

- Muito prazer, “seu” Jorge – Gustavo inclinou-se ligeiramente e continuou – Rodrigo, tenho uma notícia triste. O seu companheiro de equipe, Dudek, faleceu hoje de manhã. Seu corpo foi encontrado pela faxineira um pouco antes do almoço. Esse pacote estava no armário e está endereçado a você. Pediram que eu fizesse a entrega.

Rodrigo ficou cabisbaixo alguns segundos, pegou o pacote, agradeceu ao Gustavo, despediu-se do Sr. Jorge e foi para casa. Triste pela perda do companheiro de serviço, mas curioso por causa do pacote, um pouco pesado. Chegando a casa, colocou o pacote sobre a mesa da sala e leu: “*Em caso de meu falecimento, entregar urgente ao Sr. José Rodrigo Spencer, agente federal. Entregar em mãos e somente a ele. Caso não seja possível, peço que esse volume seja incinerado, da maneira como está, sem violações, na presença de uma autoridade policial. Nada contém de valor; apenas anotações pessoais*”.

O conteúdo do pacote estava bem protegido, embrulhado com camadas de um papel marrom grosso, enrolado com fitas coladas. Dentro havia um livro antigo, com capa de couro, cheio de anotações em alemão e vários desenhos feitos a mão. Havia também uma pasta

contendo uma grande quantidade de folhas datilografadas, as quais Rodrigo começou a ler imediatamente. Segue-se o conteúdo das folhas.

Capítulo 2

Brasília, 6 de setembro de 1997 (Cinco meses antes)

Caro Rodrigo:

Tive o prazer de trabalhar com você algum tempo, embora poucas vezes na mesma operação. Você é jovem, pouco mais de trinta anos, é corajoso e honesto. Conheço sua idoneidade e extrema dedicação ao que faz. Por isso você tem em mãos esse material. Escolhi você porque, além de sermos amigos, você também é sozinho no mundo, ainda não se casou, e reúne todas as condições para continuar a minha missão. Não pretendo, absolutamente, que acredite na minha história. Você tem todo o direito de não acreditar, embora em algumas ocasiões você tenha comentado que algo estranho havia acontecido em algumas de nossas operações. Se for assim, peço que você honre a nossa amizade e queime todo esse material e nunca comente nada com ninguém a esse respeito. Enterre de fez esse assunto. Mas leia tudo, até o final, porque eu tenho que abrir a possibilidade de dar continuidade ao que aconteceu comigo. Por isso eu tenho que lhe contar. Sei que meus dias aqui estão terminando. Não é justo ir embora e deixar na obscuridade coisas tão importantes que aconteceram. Julgue você. Os historiadores modernos não registraram alguns episódios exatamente como ocorreram; eles não conheciam toda a verdade. Alguma coisa eu modifiquei, orientei, intervi, muitas vezes agi

com violência, mas nada do que fiz veio a público. Melhor dizendo, alguns fatos foram publicados, mas nunca ligados a mim. O que se soube da história foi a versão oficial. Então, quando você receber essas linhas, eu não estarei mais aqui. Por isso fique bem à vontade para decidir se torna isso público ou não. Afinal, sou judeu polonês, sozinho no mundo, não tenho ninguém que possa chamar de parente. Então, para mim, não fará diferença alguma. Quanto a você, avalie os riscos (que serão imensos e lhe trará muitos problemas) e decida. Se você decidir pela divulgação, o que eu espero sinceramente que não faça, para proteger você e lhe isentar de qualquer responsabilidade, declaro desde já, a quem interessar possa, que você nunca se envolveu em qualquer ato não oficial que eu tenha praticado. Para você sou apenas um agente público, colega de profissão, e em apenas alguns casos trabalhamos juntos. O que eu fazia “fora do expediente”, digamos assim, vou lhe contar agora.

Antes, gostaria de falar um pouco da minha história. Você me conhece como Dudek, mas meu primeiro nome é Antoni. Agora entendo o que minha mãe queria dizer, de verdade, sobre o significado desse nome. Nasci em 1936 em Częstochowa, nome novo dado pelos alemães à cidade de Tschenstochau, na Polônia, após a invasão que deu início à segunda grande guerra. Conhecia alguns meninos chamados Antoni e pensava que todos eles eram especiais para minha mãe

(era esse o significado do meu nome). Eu fazia cara de choro e dizia isso a ela. Então ela me abraçava forte, esfregava minha cabeça embaralhando todo o meu cabelo e dizia que os outros Antonis tinham suas mães e todos eles eram especiais para cada um delas. Mas o Antoni dela era eu, jamais iria me confundir com qualquer outro. Ela gostava dos meus amigos chamados Antoni, mas eu era o Antoni dela, de inestimável valor, sem preço. Agora estou desgastado e, quando digo isso, você pode até pensar que aqui tem uma pontinha de narcisismo, vaidade ou egocentrismo. Mas não é, sabe? Na vida que levei até agora, envolvido em tanta coisa ruim e perigosa, preciso muito voltar ao passado e me refugiar no colo de minha mãe, embora ela tenha me deixado há muito tempo. Ela sempre dizia que um dia eu faria jus ao significado do meu nome. Por isso o que fiz e faço agora, embora mais raramente, me torna especial para muitas pessoas. Mas elas não sabem nada da minha história. Preferi viver assim e desfrutar de alguns momentos de liberdade. Só meus e de minhas lembranças.

Três anos depois que nasci os nazistas ocuparam a Polônia, fato que deu início à segunda guerra mundial. Naquela época Częstochowa, a cidade que eu morava, contava com quase cento e quarenta mil habitantes. Eu era um dos quarenta mil judeus poloneses na cidade. Foi minha primeira experiência traumática com os alemães. Ao entrarem na cidade alguém atirou neles do alto de um

prédio e a retaliação foi imediata. Começaram a disparar nas pessoas, bombardearam e derrubaram alguns prédios, matando mais de duzentas. Ali começou o pesadelo que duraria vários anos, causando grande dor e sofrimento aos habitantes da minha cidade, especialmente aos judeus. Algum tempo depois da invasão, Wendler, um SS Gruppenführer[4], criou na minha cidade um gueto para isolar os judeus, entre eles eu e minha família. Ainda não tinham destinado uma casa para nós, de modo que fomos alojados, minha família e mais um grupo de pessoas, em um canto da rua, próxima à entrada do gueto, onde havia um enorme casarão. Ali ficamos vários dias até que os soldados chegaram, ordenaram, sempre gritando, que todos se colocassem de pé e em fila. Fomos levados à estação ferroviária, onde nos embarcaram em um trem de carga. Essa foi a minha primeira viagem de trem. A mais traumática da minha vida. Não havia espaço para mais ninguém no vagão. Mesmo assim, os alemães obrigavam mais pessoas a entrarem, batendo nelas com a coronha do fuzil. Quando não tinha mais como colocar ninguém, fecharam a porta por fora e ficamos ali, de pé, sem possibilidade alguma de nos movimentarmos. Meus pais tentaram me proteger do aperto, mas era impossível.

A viagem durou mais de dez horas. Não nos deram nada para comer e nem beber. O fedor dentro do

4 Oficial de alta patente do Partido Nazista alemão. Líder de grupo.

vagão era insuportável, porque fazíamos as nossas necessidades fisiológicas ali mesmo, de pé. Algumas pessoas morreram durante o trajeto. Quando pensei que ali seria o nosso fim, o trem parou, abriram as portas e fomos despejados no chão, como gado. Estávamos no campo de concentração de Treblinka.

Estávamos sem bagagem alguma, pois, quando fomos retirados à força de nossa casa em Częstochowa, não nos permitiram levar nada. Saímos com a roupa do corpo. Estávamos no mês de julho e a temperatura era bastante elevada. E ali nos separaram. Meu pai, minha mãe e eu fomos empurrados para filas diferentes. O desespero era visível no rosto das pessoas. Minha mãe chorava copiosamente, com os braços estendidos em minha direção, Mas não podia fazer nada. Qualquer tentativa de aproximação era contida com as coronhas dos fuzis. Batiam tanto nas pessoas que algumas desmaiavam. Essas que desmaiavam eram retiradas do grupo e fuziladas em um campo próximo.

Eu e as demais crianças fomos levados para um barracão. Ficamos pouco tempo lá. Um grupo de soldados nos tiraram e fomos levados para outro trem rumo a Auschwitz. A viagem demorou mais e sofremos bastante. Ao desembarcar em Treblinka, só nos deram para comer um pedaço de pão mofado e uma caneca de água. Eu estava com muita fome. Durante a viagem, pude ver pelas frestas que passamos por Częstochowa

de novo, até que chegamos a Auschwitz. Era muita gente, mas fiquei muito aflito porque consegui ver minha mãe na outra extremidade do trem. Ela não me viu.

Fomos encaminhados para um barracão. Cortaram nossos cabelos e nos encheram de um pó branco. Minha cama era um beliche de madeira, sem colchão, sem lençóis, nada. E ali dormia eu e mais oito crianças. E quase não comíamos. Vi meninos arrancando e mastigando pedaços retirados de sapatos velhos. Outros comiam até papel e barbante, numa tentativa de matar a fome e não deixar que ela os matasse. Eu mesmo comi alguns pedaços de palha, que encontrei em um canto, e uma casca de arbusto. Não me lembro onde consegui aquele pedaço de arbusto.

O que aconteceu a seguir, Rodrigo, me leva a acreditar que há um Deus, que Ele me ama muito e me deu uma missão. É por isso que o meu maior desejo é que você aceite o que eu vou lhe propor no final dessas linhas. Talvez seja pedir demais de você, mas é por isso que eu peço que leia tudo com muita atenção. Os detalhes podem te influenciar a aceitar o meu pedido.

Capítulo 3

Os soldados disseram que iríamos tomar um banho de chuveiro. Fiquei muito feliz com essa notícia, porque meu corpo estava infestado de piolhos e a coceira era terrível, apesar do pó branco. Fazia muitos dias que eu não tomava um banho. Mandaram que nos despíssemos (estranhei que as roupas de todos eram empilhadas num só lugar) e entramos em um corredor rumo ao chuveiro. Os que estavam mais à frente entraram e de repente a fila parou. Parece que encheu o banheiro. Eu seria o próximo, mas mandaram que voltássemos para o barracão. Não nos deixaram procurar nossas roupas e pegamos a primeira da pilha. Estávamos instalados quando entrou um médico alemão. Alto, bem vestido, passou a examinar todas as crianças que estavam ali. Selecionou algumas, entre elas eu, e nos levou para uma outra sala. Mandou que os soldados nos lavassem e nos trouxessem nuas para continuar os exames. Depois o médico dispensou as meninas e ficaram só os meninos. Desses ele escolheu dois, eu e outro. Os outros foram mandados de volta para o barracão. Eu soube depois que daqueles chuveiros não saiam água. E eles jogavam gás onde as crianças estavam. Milhares de judeus foram mortos assim, na câmara de gás.

Saímos da sala e fomos conduzidos para outro local, cheio de instrumentos médicos, onde aquele